

O INTENSIFICADOR MAIS USADO NO PORTUGUÊS FALADO

Carlos Alberto Gonçalves Lopes (UNEB/ABF)

RESUMO

Este trabalho demonstra a força persuasiva do gramema “**muito**” como um operador de intensidade na norma urbana culta de Salvador.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Semântica; Intensificador; Gramática

O assunto abordado aqui está inserido numa pesquisa maior (Lopes, 2000) que tem por alvo descrever os processos de intensificação encontrados na língua falada por informantes cultos de Salvador, tomando como *corpus* doze inquéritos reunidos na obra organizada por Mota & Rollemberg (1994). Por outro lado, ao eleger como objeto de pesquisa a intensificação, situa-se no âmbito da Análise do Discurso, e, neste, mais especificamente, nos estudos da enunciação e da argumentação.

O intensificador mais usado no português falado, conforme ficou comprovado no levantamento estatístico realizado no *corpus*, é o gramema **muito**, um operador de intensidade por natureza que se destaca dos demais pela sua elevada frequência na língua falada. Caracteriza-se por ser um intensificador graduado indefinido, marcador do **grau superior** situado no extremo positivo de uma escala de valores, como se pode constatar examinando o gramema destacado nos seguintes trechos:

(1) DOC – Hum. E existem alguns, também, derivados do petróleo...a senhora...

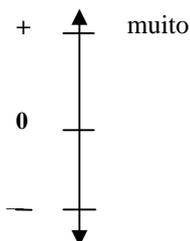
INF – Sim. Eu sei que... muitos derivados, não é, a gasolina e muitos outros derivados. Ouço falar até que nos plásticos, também, não sei lhe dizer com certeza – como eu já lhe disse antes, não estou **muito** enfronhada ou nada enfronhada quanto a isso. (rindo).

(INQ 356, INF 452, p. 261, linhas 97-104)

(2) INF – Mas esse tipo de pneu eu não gosto de usar, porque eu viajo **muito** e no interior não tem... não tem quem conserte (...).

(INQ 277, INF 354, p. 29-30, linhas 189-193)

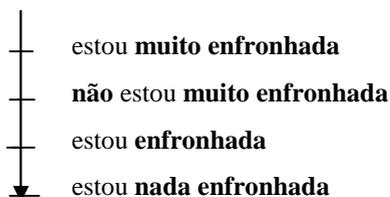
Muito, situado no pólo superior da escala gradativa se opõe a **pouco** e, como intensificador, funciona como modificador capaz de aumentar uma noção contida numa base (constituída de um adjetivo, de um verbo ou de outro intensificador) direcionando-a para cima, de modo a atingir um grau elevado de intensidade, o que caracteriza uma intensificação amplificada de grau superior, conforme ilustra a seguinte escala:



Muito é o intensificador por excelência da língua, o que explica o fato de ter sido o intensificador mais freqüente no **corpus** (respondendo sozinho por mais de 15% do número total de ocorrências), razão pela qual desempenha o papel de metatermo identificador da maioria dos processos de intensificação existentes. A propósito, a gramática tradicional aponta **muito** como um dos gramemas através do qual se obtém o superlativo absoluto analítico (**muito** enfronhada), tido como correspondente ao superlativo absoluto sintético (enfronhadíssima). No entanto, concordando com Bechara (1999: 149), não se pode ignorar que **enfronhadíssima** (no superlativo sintético) diz mais, isto é, é mais enfático do que **muito enfronhada**, que aparece no exemplo (1).

Em (1), **muito** aparece incidindo sobre um adjetivo (enfronhada), portador do sema /contínuo/, junto ao qual funciona como intensificador (ligado à gradação), de modo que **muito enfronhada** significa estar num grau elevado de informação acerca de um determinado assunto que, nesse caso, tem a ver com os derivados de petróleo. Só que esse grau elevado de informação, a princípio, é negado, ao se dizer “**não** estar muito enfronhada”, para depois se acrescentar “ou **nada** enfronhada”, corrigindo, assim, o que se disse anteriormente, e, desse modo, reduzindo a nada o grau de enfronhamento da informante acerca do assunto objeto da conversação (derivados de petróleo). Nesse caso, além do **não, nada**,

mencionado por Uppendahl (1979: 62) como operador da negação em português, expressa uma intensidade nula, ou melhor, em vez de intensificar, tem efeito contrário, como mecanismo apagador da intensificação, levando-se em conta o fato de não haver efeito de litotes. Na realidade, o que se tem aqui, paralelamente a uma escala gradativa, é outra escala, uma escala argumentativa direcionada para a anulação do **dictum**, com propósito nitidamente persuasivo ou retórico, em que, primeiro, nega-se um grau elevado de enfronhamento da informante sem negar que ela esteja de fato enfronhada, para, em seguida, negar totalmente qualquer grau de enfronhamento dela a respeito dos derivados de petróleo, conforme se pode visualizar abaixo:



Continuando a tecer considerações acerca do mesmo trecho apreciado, não se pode deixar ainda de observar que, intencionalmente, se deixou de destacar duas ocorrências de **muito**, isto é, “ **muitos** derivados” e “ **muitos** outros derivados”, exatamente porque, nesses casos, incidindo sobre substantivos, tem-se, a rigor, um pronome indefinido e não um intensificador, uma vez que, do ponto de vista semântico, tal elemento funciona como quantificador indefinido do adjetivo substantivado (derivados). Por esse motivo, **muitos derivados** não significa, aqui, um, dois, três, quatro ou cinco derivados, mas um número indeterminado deles.

Em (2), **muito** funciona como intensificador de verbo, ao incidir sobre o verbo viajar. Nesse caso, é o processo verbal que é intensificado, razão pela qual “viajo **muito**” tanto pode significar “viajo **muitas vezes**” como “viajo **sem parar**” ou “vivo **viajando**”.

Outro emprego de **muito** ocorre com tal intensificador modificando outro intensificador da mesma natureza num grupo intensivo, conforme se encontra nos seguintes trechos:

- (3) INF Naquele tempo se ia de trem pra... pra visitar meu tio que morava lá,era engenheiro lá da Usina; e me lembro **muito pouco**, a não ser de que pegava o trem aí na Calçada e saltava no meio do caminho e ia um carro da Usina pra buscar a gente.

(INQ 277, INF 354, p.25, linhas 10-15)

- (4) INF Mas o Centro Administrativo, já tive oportunidade de passar lá umas duas ou três vezes. Então, realmente, é uma obra de... foi **muito bem** planejada e que em parte resolveu um pouco o problema de...

(INQ 100, INF 118, p.119, linhas 487-491)

- (5) INF O professor pega uma prova bem redigida, mas que não tem muito conteúdo e pega outra que tem conteúdo, mas **muito mal** redigida, então influi, não é?

(INQ 231, INF 301, p.169, linhas 805-808).

- (6) INF Mas, na verdade, nós preferimos sempre aqueles doces feitos em casa, e não aqueles industrializados; porque realmente os de casa são **muito mais** saborosos.

(INQ 081; INF 089, p. 191, linhas 591-594)

- (7) DOC Agora, alguns instrumentos de medir a temperatura, a umidade, etc. são conhecidos...

INF – É.

DOC – ... outros **muito menos**, não é?

(INQ135, INF164, p.143, linhas 613-616)

Em todos esses casos tem-se intensificador de intensificador, isto é, um intensificador que se combina com outro intensificador formando grupos nominais intensivos portadores de uma força argumentativa bastante persuasiva em razão do efeito hiperbólico resultante de tal combinação, capaz de extrapolar os limites da escala gradativa básica.

Em (3), **muito** incide sobre o intensificador **pouco**, reduzindo ainda mais o grau de apreciação da base incidente, uma vez que o grupo intensivo MUITO POUCO expressa um grau de apreciação inferior a **pouco**, de modo que dizer “me lembro **muito pouco**” corresponde a dizer “me lembro **menos do que pouco**”, ou melhor, “me lembro **pouquíssimo**”.

A utilização de **pouco** com o intensificador de grau superior **muito** faz que a noção de pequena quantidade, expressa por **pouco**, caminhe progressivamente em direção ao apagamento de uma noção, à negação dela, como se demonstra na seguinte escala argumentativa:

↑ ... e me lembro **pouco**
↑ ... e me lembro **muito pouco**
↑ ... e não me lembro **quase nada**
↓ ... e não me lembro **de nada**

Já em (4) e (5) acontece que **muito** se combina com **bem** e com **mal**, formando os grupos intensivos qualitativos MUITO BEM e MUITO MAL que se opõem entre si. Tal combinação resulta em aumento da intensidade em direção ao pólo positivo e ao pólo negativo, respectivamente, na escala graduada, razão pela qual “obra **muito bem** planejada” e “prova **muito mal** redigida” significam “obra **mais do que bem** planejada” e “prova **mais do que mal** redigida”.

Por outro lado, em (6) e (7), **muito** se combina com **mais** e com **menos**, formando os grupos intensivos comparativos MUITO MAIS e MUITO MENOS que também se opõem entre si. Essas combinações resultam em aumento da intensidade em direção aos dois pólos da escala gradativa, o pólo positivo e o pólo negativo, de modo que “doces feitos em casa... são **muito mais** saborosos” e “outros (instrumentos) **muito menos** (conhecidos)” correspondem a dizer “doces feitos em casa são **muito mais** saborosos (do que os outros doces)” e “instrumentos **muito menos** conhecidos (do que os outros instrumentos)”.

No primeiro caso, por exemplo, ao contrário do segundo, que se aproxima do exemplo (3), há uma escala argumentativa direcionada para um grau elevado pelo emprego de um reforço. De **muito** se passa para **muito mais**. Pode-se mesmo continuar andando em direção à idéia de ultrapassagem mediante o emprego do intensificador **demais**. O informante, que tem o propósito de exaltar o doce caseiro, argumenta dando ao adjetivo intensificado o sentido de um sabor que aumenta:



 + são saborosos **demais**

 são **muito mais** saborosos

 são **muito** saborosos

Em síntese, pode-se afirmar que esses grupos intensivos (MUITO POUCO, MUITO BEM, MUITO MAL, MUITO MAIS e MUITO MENOS), conforme ficou claro nos casos apreciados, são resultantes da incidência do intensificador **muito** sobre os intensificadores **pouco, bem, mal, mais e menos**, com o propósito de, reforçando uma intensidade, aumentar mais ainda a intensificação de uma noção e, assim, persuadir o alocutário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Processos da intensificação na norma culta de Salvador*. Tese de Doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

MOTA, Jacyra & ROLLEMBERG, Vera (orgs.). *A linguagem falada na cidade de Salvador: materiais para seu estudo*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1994.

UPPENDAHL, Klaus Hinrich. *A negação em português* (com referências a outras línguas, especialmente o espanhol). Porto Alegre: UFRS, 1979.